

**Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça**  
**Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na**  
**Modalidade EJA (PROEJA)**

**TRABALHO E REALIZAÇÃO PESSOAL: UMA INTERVENÇÃO**  
**EM UMA TURMA DE EJA**

**Pedro José de Medeiros<sup>i</sup>**

**Elenita Eliete de Lima Ramos<sup>ii</sup>**

**RESUMO:** Não é de hoje que o trabalhador brasileiro tem necessidade de estudar, e, por meio dos estudos, ressignificar seu trabalho e sua existência. Entretanto, historicamente, temos negado ao trabalhador o direito de freqüentar a escola para desenvolver seus conhecimentos, embora saibamos que o acesso ao saber representa um dos pilares – indubitavelmente - para a plena realização ontológica do ser humano. A educação em geral, e mais particularmente a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve proporcionar aos alunos reflexões sobre o mercado de trabalho, sobre o quanto este pode fazer dos trabalhadores meros instrumentos descartáveis de seus empregadores. Tal sistema pode fazer com que seus trabalhadores sejam levados ao desgaste contínuo e à falta de perspectivas, reduzindo-os a mercadorias baratas e instantaneamente substituíveis. O presente projeto de intervenção foi elaborado de modo a contemplar teóricos da Filosofia e da educação em geral, tendo em vista a ontologia humana frente às possibilidades de trabalho e estudo no contexto da sociedade capitalista atual. O projeto foi desenvolvido numa turma de alunos do terceiro ano do Ensino Médio da EJA, da rede Municipal de Ensino de São José. Como instrumento de pesquisa foi aplicado um questionário do qual foram extraídas informações que serviram de base à confecção de um mural que foi exposto no pátio da escola. Nesse mural, histórias de vida e importantes reflexões foram trazidas pelos alunos, sendo que algumas delas se mesclaram a concepções de grandes pensadores da Filosofia. Os resultados do projeto surpreenderam a todos os envolvidos e contribuíram para que continuemos a reforçar a perspectiva que nos coloca a pensar nossas existências enquanto projetos em permanente construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. EJA. Ontologia. Realização Pessoal

## **INTRODUÇÃO**

Sabemos que a defesa do sistema capitalista começa com uma certa concepção de liberdade, porém também sabemos que o individualismo e a desigualdade constituem as bases desse grande “maquinário” que estrutura nossa sociedade nos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e no âmbito subjetivo de cada sujeito. Os trabalhadores, por sua vez, são engrenagens fundamentais para o funcionamento de todo esse sistema e por isso mesmo muitas vezes são explorados até o limite do suportável. Desse modo, suas existências podem se resumir a uma luta diária e desleal pela sobrevivência.

Diante de um cenário nefasto – quanto ao acesso à educação de qualidade e ao trabalho digno e aliado à realização profissional e pessoal – para a maioria dos trabalhadores, sobram motivos para repensarmos nossas atitudes e possibilidades. Em outras palavras, precisamos buscar sempre disposição para o enfrentamento das questões relativas à ontologia humana no sentido da construção do homem enquanto agente transformador da realidade (do ponto de vista ontológico e também social).

## **CONCEPÇÕES FUNDAMENTAIS**

A legitimação teórica que norteia o presente projeto de intervenção foi elaborada de modo a contemplar teóricos da Filosofia e da educação em geral, todavia tendo em vista questões relativas à ontologia humana. Dentre esses autores, podemos citar Adorno, Horkheimer, Foucault, Hannah Arendt e outros que também contribuíram diretamente para a construção de uma leitura crítica da modernidade e à elaboração de critérios essenciais (como “resiliência”) à construção do homem capaz de significar sua própria existência e suas ações.

Como conduzir os alunos à criação de ideias próprias, concepções próprias do que é o mundo? Como afastá-los do senso comum? Como fazê-los conhecer (e não esquecer) pelo menos algumas reflexões de alguns filósofos decisivos na construção da história do pensamento humano? É preciso evidenciar, reforçar os contornos dos pensamentos produzidos pelos alunos da EJA e contrastá-los com os contornos dos pensamentos daqueles imortais da filosofia, bem como trazer à discussão todos os grandes pensadores da educação que nos trazem esperança e inspiração.

## A Intervenção

Para a efetiva realização das metas previstas neste projeto de intervenção, pautadas na análise ontológica da existência humana frente às condições e possibilidades de trabalho e estudo, fez-se necessário confrontar as ideias e as histórias de vida trazidas pelos alunos da EJA com ideias clássicas da Filosofia tendo em vista ressignificar pontos de vista e conceitos. Este processo objetivou recolocar o aluno como protagonista de sua própria existência: “[...] colocar o aluno, jovem e adulto trabalhador, no centro do seu processo de aprendizagem, como sujeito, não mais como objeto da ação educacional. Isso implica dar a ele poderes e responsabilidades sobre o que aprender e como aprender. (CASTRO; MACHADO; VITORETTE, 2010, p. 156-167).

Desta forma, não mais considerar este aluno enquanto “sujeito” no sentido sugerido pelo radical latino em *subjectus* (“estar sujeito”); todavia, mais no direcionamento dado por pensadores como Michel Foucault, principalmente em sua última fase (FOUCAULT, 2004b), na qual o sujeito é substituído pelo indivíduo, por aquele que faz das práticas de si (o cuidado de si, o governo de si), do exercício subjetivo e principalmente intersubjetivo, um modo de vida calcado na prática da liberdade (e não da libertação ou liberação) em seu elo ontológico com a ética. Desta perspectiva filosófica, posso citar o exemplo de uma ex-aluna da EJA, Maria Neiva, uma mulher que batalhou por sua liberdade durante toda a vida sem se sujeitar ao machismo de seu ex-marido e da própria sociedade que, na época de sua juventude, sempre procurou condenar a mulher a um estado servil.

Dos escritos dos grandes pensadores às práticas (como aquelas vivenciadas e relatadas por Maria Neiva), penso ser necessária uma mudança paradigmática que avança da filosofia, teoria ou hermenêutica do sujeito (FOUCAULT, 2004a) para o solo intersubjetivo (das relações humanas que buscam o entendimento, o consenso, a amizade, a construção de conceitos resultantes de debates). Do que me valeria enxergar Maria Neiva naquilo que ela expressa de mais subjetivo, se para o conhecimento dela e de todos a sua volta, o que vale, o que fica, é justamente aquilo que é criado no espaço entre subjetividades (o espaço intersubjetivo)? A pensadora Hannah Arendt muito contribuiu para a elaboração do conceito “intersubjetividade”, principalmente quanto à ideia de “espaço intersubjetivo” – um “espaço vazio” entre subjetividades onde algo de novo pode ser criado. Michel Foucault estendeu essa ideia ao conceito “ética da amizade”, sendo essa amizade um solo fértil para construção e desconstrução de subjetividades que, nessa perspectiva conceitual, enxergam-se como transitórias e, portanto, em constante vir-a-ser.

Ao nos defrontarmos com os principais problemas do mundo atual em termos de política, economia, condições de trabalho e de estudo, realização profissional e pessoal, não temos como nos esquivar de conceitos como “poder” e “relações de poder”. No entanto, também não podemos abandonar os conceitos “liberdade” e “felicidade”. Para pensarmos tais questões, Adorno, Horkheimer e Foucault são autores que revolucionaram esses conceitos no contexto de uma ontologia do presente ou da modernidade.

Por se tratarem de conceitos muito amplos (poder, liberdade e felicidade), o presente projeto de intervenção os conectou diretamente ao cenário do mundo do trabalho, do mercado de trabalho, da educação e da vida enquanto projeto aberto a mudanças e novas perspectivas.

A elaboração e aplicação do presente projeto de intervenção partem não somente de leituras e anseios acadêmicos (algumas vezes repetitivos e infrutíferos), mas também, e muito, das minhas vivências como professor, que muito me instruíram e instigaram.

Devo admitir que, quando comecei a atuar como docente (em 2001), meu olhar sobre a educação não era nem um pouco otimista. No entanto, quando tive a oportunidade de trabalhar com uma turma de EJA composta por pessoas que atuavam nas mais diferentes áreas profissionais (mecânico de automóveis, empregada doméstica, cozinheira, garçom, atendente de lanchonete, dona-de-casa, pedreiro), minhas concepções em relação à educação foi se modificando).

Pude perceber que muitos alunos da EJA não voltam a estudar, simplesmente, porque estão em busca de uma melhor recolocação no mercado de trabalho, mas sim para completar um projeto de vida que inclui cidadania, mudanças na percepção e na relação com o mundo. Trata-se de refazer-se, reorganizar-se psíquica e emocionalmente (BARBOSA, 2007). Tais demandas dizem respeito a uma construção e a uma reconstrução ontológica da existência de cada indivíduo no decorrer de sua vida. Contudo, também é nesse ponto, nessa busca, que teóricos da educação e filósofos convergem suas pesquisas e suas ideias de modo a realizar prognósticos e indicar possíveis soluções a esses conflitos de ordem existencial; entretanto, sem deixar de conectá-los às questões relativas ao trabalho, mercado, consumo e à educação.

Neste sentido (de construção ontológica), dos escritos dos grandes pensadores às práticas, faz-se necessária uma mudança paradigmática que avança da filosofia, teoria ou hermenêutica do sujeito (FOUCAULT, 2004a) para o solo intersubjetivo (das relações humanas que buscam o entendimento, o consenso, a amizade, a construção de conceitos resultantes de debates).

A justificativa para o presente projeto de intervenção está assentada na necessidade de buscarmos ajudar a transformar, além da realidade ontológica e particular de cada aluno, mudar, para melhor, também a realidade da vida social que nos cerca.

No primeiro encontro com a turma da EJA (para a qual foi direcionada este projeto de intervenção) e logo após a fase das apresentações, dei início a uma fala problematizadora a respeito dos contrastes e convergências existentes entre o universo do trabalho e as aspirações que construímos ao longo de nossas vidas. Para tanto, incluí em minhas falas, paulatinamente, as questões abaixo:

- 1 Como escolher uma carreira profissional, como nos posicionar diante de uma realidade (moldada ao sistema capitalista) que marginaliza e exclui as pessoas com pouco dinheiro e com poucas condições - ou nenhuma - para forjar suas vidas por meio dos estudos?
- 2 O que é mercado de trabalho e a qual a sua relação com o chamado “sistema capitalista”?
- 3 Quais as diferenças entre empregos e carreiras?
- 4 O que é liberdade, considerando o contexto de vida em que estamos inseridos?
- 5 Qual a relação entre investimento nos estudos e liberdade?
- 6 O que é felicidade, considerando o contexto de vida em que estamos inseridos?
- 7 O que significa e quais relações podem existir entre realização profissional e realização pessoal ou de vida?
- 8 Qual seria o valor de nossas vidas?
- 9 Como fornecer sentido e significado às nossas existências, considerando os conceitos: estudo, trabalho, liberdade e felicidade?

A partir daquela primeira interrogação, enquanto epítome, direcionada aos alunos da EJA (“*Como escolher uma carreira profissional, como nos posicionar diante de uma realidade (moldada ao sistema capitalista) que marginaliza e exclui as pessoas com pouco dinheiro e com poucas condições - ou nenhuma - para forjar suas vidas por meio dos estudos?*”), pudemos construir, coletivamente, caminhos reflexivos que nos conduziram a novas percepções quanto a sentidos e significados acerca do mundo do trabalho, do ser-estar no mundo (ou seja, acerca do âmbito existencial e ontológico do ser humano) e da própria realidade (para além das formulações e ditames do senso comum).

O projeto de intervenção teve como uma de suas metas mais claras possibilitar aos alunos da EJA o acesso a perspectivas que transcendem a barreira do conceitual em direção ao enriquecimento e à transformação da realidade de suas vidas. Neste sentido, procurou ampliar a curiosidade e a compreensão do aluno para a dimensão ontológica de sua existência, procurando instrumentalizá-lo com o desenvolvimento de seu próprio senso crítico. Esse

último, por sua vez, é o elemento que possibilita a criação e disseminação de ideias e conceitos que não se encerram em significados dogmáticos, estéreis e, muitas vezes, latentes.

O projeto de intervenção, em seu pleno exercício, esteve pautado na perspectiva de construção coletiva entre alunos e entre professor e alunos. A abrangência das falas, debates e outras atividades não serviram como ferramentas para que cada aluno, simplesmente, tirasse suas próprias conclusões e assim se enclausurasse dentro delas. Ao contrário, o projeto teve como princípio e finalidade fazer com que todos eles fossem capazes de transcender suas respectivas individualidades e se colocassem como receptores, catalizadores e disseminadores de argumentos, conceitos e análises críticas resultantes de atividades reflexivas constituídas no bojo do trabalho em grupo.

O desenvolvimento do sujeito crítico, e não do sujeito enquanto “estar sujeito” (como sugere o termo em latim *subjectus*), representa o alargamento das possibilidades de transformação daquilo que entendemos como “realidade”, uma vez que o pensamento significa movimento, mudança. A realidade não deve, em momento algum, portanto, ser encarada como algo estático. Todavia, somente é possível alcançar a dimensão desse entendimento se o sujeito tiver a chance de compreender-se não apenas como produto de um processo histórico, mas também como ator de sua própria história e da realidade que o cerca.

Não é de hoje que o trabalhador brasileiro tem necessidade de estudar, e, por meio dos estudos, ressignificar seu trabalho e sua existência. Entretanto, historicamente, temos negado ao trabalhador o direito de desenvolver seus conhecimentos, embora saibamos que o acesso ao saber representa um dos pilares – indubitavelmente - para a plena realização ontológica do ser humano.

Para todos nós, profissionais da educação, fica a difícil e prazerosa responsabilidade de ajudar a conduzir jovens e adultos rumo às infundáveis transformações que os estudos podem propiciar. Esses estudos não devem visar ao mercado de trabalho, pois chega de fazermos dos trabalhadores meros instrumentos descartáveis de seus empregadores. Os trabalhadores, levados ao desgaste contínuo e à falta de perspectivas, são reduzidos a mercadorias baratas e instantaneamente substituíveis.

A força-de-trabalho não tem preço, e embora não possamos inverter totalmente a lógica capitalista, podemos, pelos estudos, tornar mais rica, ou melhor, significativa, a vida de todos nós trabalhadores.

A EJA e o PROEJA devem conduzir o trabalhador não ao mercado de trabalho ou a uma educação profissionalizante. Devem conduzi-lo ao mundo do trabalho, à educação profissional capaz de integrar sua profissão a sua vida, à dimensão em que o trabalho deixa de

ser um exercício puramente mecânico para ser compreendido naquilo que possui de específico, mas sobretudo naquilo que faz dele a parte de um contexto, de um todo.

Devemos buscar a integração de currículos em prol do desenvolvimento da educação politécnica com vistas a uma educação omnilateral, possibilitando ao homem usufruir de todas as suas capacidades ou potencialidades (MANCORDA, 2007). A educação deve ser constituída como uma prática de liberdade, numa relação ontológica com a ética.

No dia vinte e oito de abril de 2015 fui até o Centro Educacional Municipal Maria Iracema Martins de Andrade (“Barreirão”), que pertence à rede municipal de ensino de São José e oferece a EJA no período noturno.

Em conversa com a supervisão e coordenação pedagógica, estipulamos as condições para a realização do presente projeto de intervenção. Foram estipulados dois encontros em parceria com a professora de filosofia da turma 301 (terceiro ano do Ensino Médio da EJA, composta por dezoito alunos): o primeiro, com duração de quarenta minutos, e o segundo, com duração de sessenta minutos.

No primeiro encontro com os alunos da EJA, os primeiros vinte minutos da aula foram destinados à apresentação do professor, ao esclarecimento quanto à finalidade do projeto de intervenção (como um todo), bem como a uma problematização acerca das relações entre trabalho e estudo no contexto do sistema capitalista no qual estamos inseridos. Tal problematização foi reforçada com a exposição gradual de algumas perguntas-chave (já citadas no texto acima).

Durante os vinte minutos restantes deste primeiro encontro, os alunos da EJA responderam a um questionário (Fig. 1) contendo dez questões, sendo metade delas (cinco) objetivas e a outra metade discursiva.



Fig. 1: Questionário sendo respondido pelos alunos da turma 301.

O segundo encontro contou com o tempo total de uma hora. Nos primeiros trinta minutos, os estudantes assistiram a minha apresentação em *Power Point* contendo os resultados dos questionários por eles respondidos (Fig. 2, 3, 4, 5 e 6). Tais resultados vieram, inicialmente, sob a forma de gráficos e porcentagens referentes às respostas das questões objetivas:

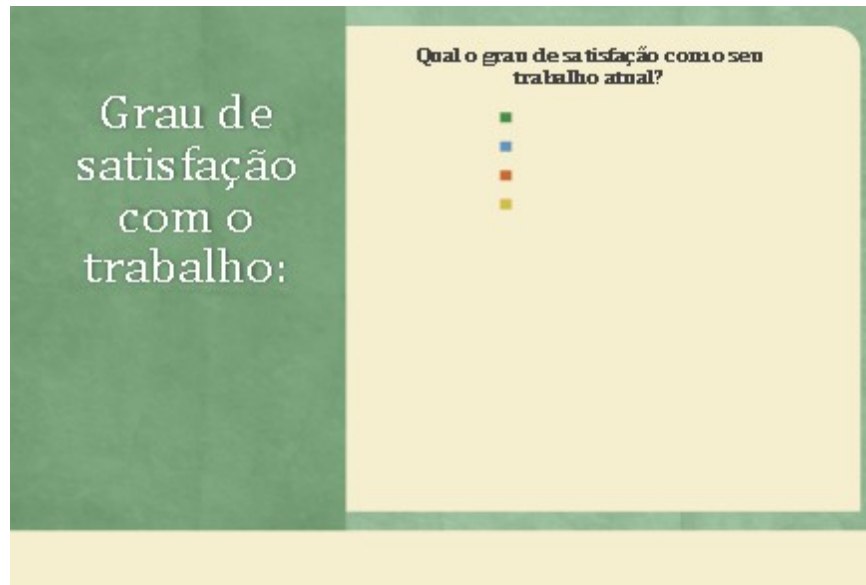


Fig. 2: Respostas à questão: Grau de satisfação com o trabalho.

Observando a figura 2 pode-se verificar que o percentual de entrevistadas que respondeu estar satisfeito(a) com o seu trabalho é igual ao percentual que respondeu estar insatisfeito. Apenas dois estudantes, dos dezoito que participaram da pesquisa, afirmaram estar muito satisfeitos com o trabalho, o que me permitiu concluir que muitas coisas precisam melhorar neste setor, uma vez que todos querem ter a oportunidade de investir mais nos próprios estudos, ser melhor remunerados e ter mais tempo para cuidar de suas famílias.





Fig. 3: Respostas à questão: Motivação para o trabalho.

Na figura 3 pode-se verificar que a maioria dos estudantes diz trabalhar por necessidade ou sustento; assim, outros fatores também muito importantes para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa acabam ficando de lado.

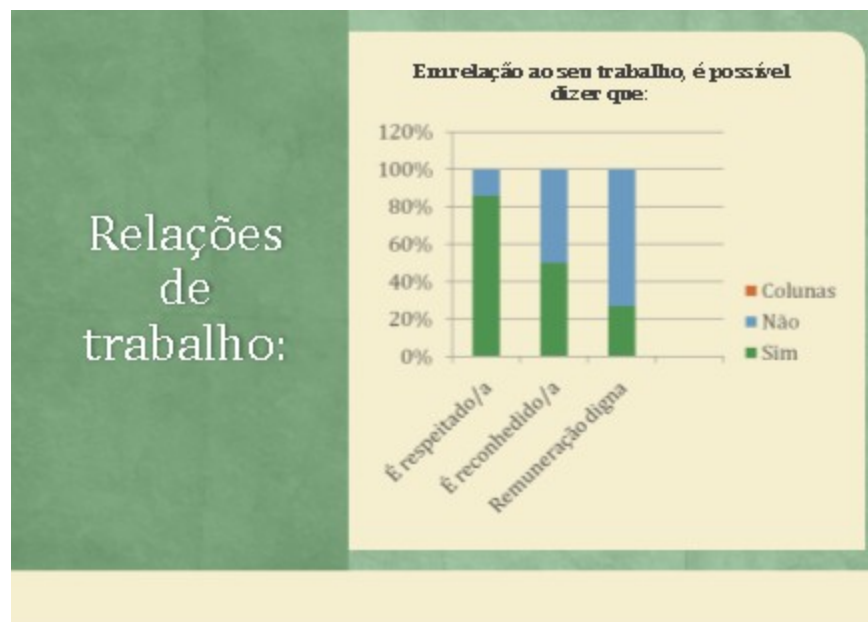


Fig. 4: Respostas à questão: Relações de trabalho.

A figura 4 revela que um número expressivo de estudantes que participaram da pesquisa se sente respeitado em suas relações de trabalho - contrastando com o fato de que quase a totalidade deles considera injusta a remuneração que recebe.

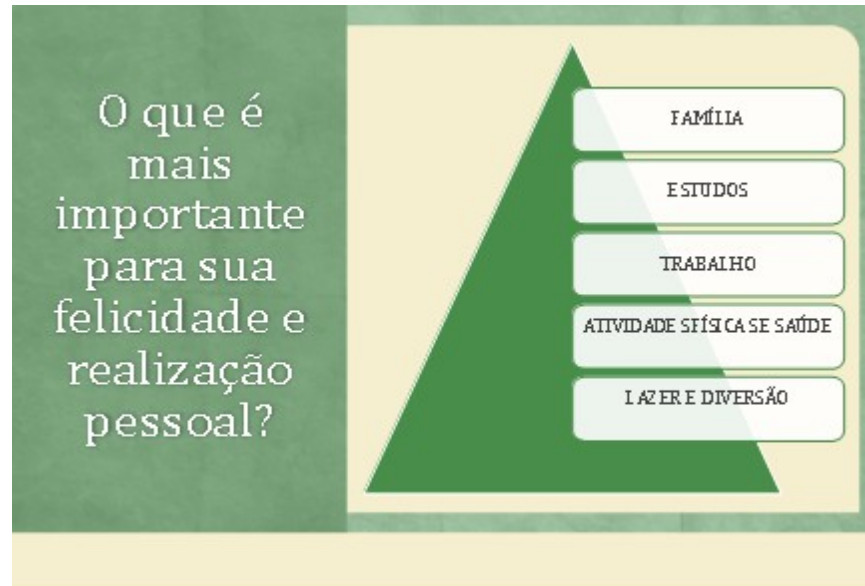


Fig. 5: Resposta à questão: O que é mais importante para a sua felicidade e realização pessoal?

A figura 5 mostra que a família e os estudos ocupam as primeiras colocações quanto àquilo que os estudantes consideram fundamental para uma vida feliz e plena.

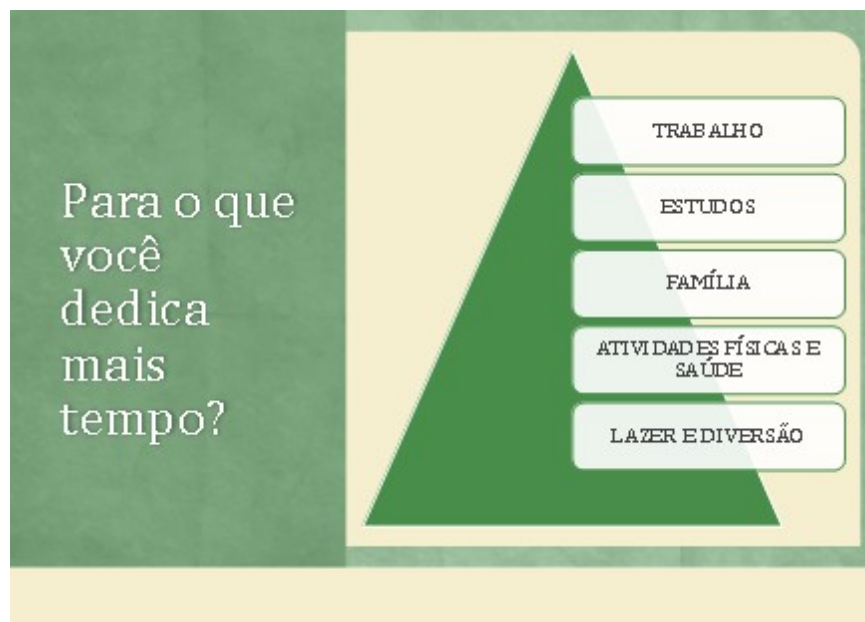


Fig. 6: Resposta à questão: Para o que você dedica mais tempo?

A figura 6 explicita que, quanto à administração do tempo, há uma dedicação maior dos estudantes às atividades relativas ao trabalho, ainda que a família (como mostrado na figura 5) seja considerada o elemento mais importante para a felicidade e a realização pessoal. A dedicação do tempo aos estudos (que aparece na segunda colocação) demonstra uma preocupação dos estudantes com o aprimoramento dos saberes, seja para uma melhor colocação no mundo do trabalho, seja para suprir demandas existenciais (como revelaram seus escritos e suas participações nas discussões realizadas).

Após essa etapa, os alunos tiveram a oportunidade de assistir à exposição de alguns argumentos e algumas ideias mais “livres” criadas por eles mesmos e selecionadas a partir de suas respostas discursivas. Também puderam visualizar as fotos tiradas no primeiro encontro. Ainda na apresentação do *Power Point*, estiveram presentes: a etimologia da palavra “trabalho”; reflexões precisas de importantes pensadores da história da Filosofia relativas ao conceito “trabalho”; reprodução de fotografias de Sebastião Salgado sobre o trabalho e cenas do filme “Tempos Modernos” de Charlie Chaplin.

Os trinta minutos restantes foram destinados à confecção de um mural com a finalidade de integrar todos os elementos que estiveram presentes na apresentação do *Power Point*. O mural foi elaborado com três cartolinas, papéis impressos (contendo os gráficos e os escritos dos alunos e dos filósofos) e fotografias (dos alunos da turma, de Sebastião Salgado e do filme “Tempos Modernos”).

Minhas avaliações relativas à execução e aos resultados das atividades foram bastante positivas.

O primeiro encontro com esses alunos do terceiro ano noturno do Ensino Médio da EJA foi marcado por muitas intervenções verbais dos alunos ainda na primeira etapa da aula. A problematização acerca dos contrastes existentes em nossa sociedade - entre a exploração presente no mercado de trabalho e ávida busca das pessoas por realização profissional e de vida - instigou falas acaloradas de quase todos os presentes. Dentre essas falas, posso citar as problematizações trazidas pelo aluno Jefferson Hinckel, que por alguns minutos conseguiu sintetizar para todos os presentes as suas angústias relativas as suas funções profissionais e as suas expectativas referentes ao futuro profissional e existencial. Como auxiliar de produção de batata-palha, agora declama: “não ganho insalubridade e o salário não é suficiente; é bem abaixo de onde eu trabalhava; desse jeito, sem mais estudo e oportunidades, não tenho como melhorar minha vida; não sei até quando ficarei nesse trabalho.”

A problematização inicial teve a intenção de despertar nos alunos algumas inquietações que nos fustigam cotidianamente, consciente ou inconscientemente. Metodologicamente, essa primeira etapa serviu para diagnosticar o nível de identificação e compreensão dos alunos frente ao tema proposto. Além disso, forneceu subsídios para revelar e reconhecer suas disponibilidades - de expressão e posicionamento crítico - quando no contexto de um debate de cunho existencial.

Fiquei, de certa forma, surpreso com a tamanha disposição para o debate demonstrada pelos alunos. Eles me pareceram à vontade com o tema que lhes apresentei, entretanto demonstraram mesmo muita ansiedade e diversas angústias frente a todas as questões que foram surgindo.

Muitas das falas dos estudantes se revelaram naturais e familiares, algumas delas surpreendentes. Sobre essas últimas, relatos de resiliência e de muita disponibilidade para ajudar pessoas próximas (familiares ou amigos) que, por vários motivos, não adquiriram condições (materiais ou intelectuais) ou forças para lutarem sozinhas.

A intenção da aplicação do questionário englobou a coleta de dados pessoais dos alunos, além de informações, opiniões e perspectivas relativas as suas condições enquanto trabalhadores. E isso, antevendo também a proposta de protagonizar suas vivências, quantificando a pesquisa em gráficos e dando publicidade às declarações, tanto na apresentação dos slides quanto na exposição do mural. A ideia era a de que houvesse a socialização dos resultados dos questionários e divulgação destes a toda a comunidade escolar, promovendo ampla reflexão e valorização da identidade dos alunos.

Os resultados dos questionários revelaram que a média de idade da turma é de vinte e oito anos. Revelou também muitos descontentamentos referentes à exploração do mercado de trabalho e à falta de tempo e de oportunidades quanto ao acesso à educação de qualidade. Os alunos queixaram-se, nas respostas às questões discursivas, das dificuldades para se conciliar trabalho e estudo. Todos eles reconheceram a importância dos estudos para a realização profissional e para alcançar objetivos “maiores”.

Com relação ao nível de satisfação no trabalho, do(a)s aluno(a)s: 7 se disseram insatisfeito(a)s; 7 se disseram satisfeito(a)s; 2 se disseram muito satisfeito(a)s e 1 muito insatisfeito(a)s.

Sobre o que os motiva à execução do trabalho com o qual se ocupam: 12 disseram que trabalham por necessidade/sustento; 3 pela satisfação de fazerem o que gostam; 2 por pensar que contribuem para a sociedade e 1 por obrigação/sacrifício.

Nas relações de trabalho, 14 se consideram respeitado(a)s, 8 se consideram reconhecido(a)s pelo que fazem e 3 julgam receber remuneração digna.

Os estudantes dedicam mais tempo ao trabalho e aos estudos, porém têm como elemento mais importante a família e a seguir vêm os estudos. Atividades físicas e saúde, assim como (por último) lazer e diversão, foram os itens menos indicados tanto no quesito “dedicação” quanto no quesito “importância”.

Das questões discursivas, a maioria sinalizou certo descontentamento quanto à pouca escolaridade e à baixa remuneração, entretanto quase todos demonstraram otimismo quanto ao futuro e à vida, bem como ressaltaram o desejo de continuar estudando e se aperfeiçoando profissionalmente.

A metodologia adotada para a apresentação dos *slides* teve em vista colocar o aluno diante da expressividade identitária refletida de sua própria maneira de enxergar e pensar a si mesmo e o mundo a sua volta.

Depois de mostrados os gráficos e as citações, foi apresentado um *slide* contendo breve histórico e a etimologia da palavra “trabalho” para contextualizar a história e o significado do termo. Na seqüência, houve a referência ao mito de Sísifo (pela abordagem de Camus) tendo em vista a análise do mito como uma metáfora ao trabalho repetitivo e sem significado.

Com a intenção de promover um aprofundamento teórico sobre a noção de trabalho, houve a referência a outros pensadores e filósofos que se debruçaram diante desse mesmo tema. A exibição de imagens (fotografias de Sebastião Salgado e do filme *Tempos Modernos*) constituiu uma ferramenta metodológica para sensibilizar os alunos sobre a complexidade das condições de trabalho nas mais diversas situações e lugares do mundo contemporâneo.

A apresentação em *slides* foi muito tranqüila, os alunos se mostraram curiosos e atentos à medida que as projeções avançavam. Limitei-me a falar pouco, respeitando o “clima” mais introspectivo dos alunos naquele final de noite.

Ao contrário da atividade com slides, a construção do mural causou certo alvoroço e a mobilização de quase toda a turma, porém sete alunos não demonstraram interesse e pediram para ficar apenas observando o trabalho dos demais colegas. Fiquei um pouco desapontado, mas fui compreensivo.

Aqueles que trabalharam no mural o fizeram com satisfação. Em pé, ao redor de uma mesa grande, eles recortavam, colavam, faziam observações, conversavam e riam ao mesmo tempo em que executavam a atividade. Divertiram-se.

Terminada a atividade, fomos até o pátio da escola para afixar o mural. Tiramos fotos e muitos alunos e alunas do grupo vieram me agradecer demonstrando bastante contentamento com tudo o que havíamos realizado juntos:



Fig. 7: Alunos da turma 301 confeccionando o mural.



Fig. 8: Alunos da turma 301 confeccionando o mural.



Fig. 9: Alunos da turma 301 celebrando a produção do mural.



Fig. 10: Mural da turma 301 exposto no pátio da escola.

Antes de deixar a escola, agradei efusivamente a colaboração da turma.

Uma das questões que me perseguiram desde o início desse projeto de intervenção foi: qual seria seu alcance, ou, quais seriam seus reflexos? A epítome para esse projeto foi constituída não apenas enquanto estrutura basilar, mas também para estar coadunado ao projeto em sua integridade. Levar o aluno a refletir acerca do contexto social, econômico, político e cultural em que está inserido é parte essencial não apenas de um processo educativo que visa auxiliá-lo na escolha de uma profissão, mas significa sobretudo conduzi-lo à aquisição das ferramentas conceituais necessárias para forjar sua autonomia de pensamento e, nesse sentido, sua liberdade.

O presente projeto de intervenção sugere ampliar a curiosidade e a compreensão do aluno para a dimensão ontológica de sua existência, procurando instrumentalizá-lo com o desenvolvimento de seu próprio senso crítico. Esse último, por sua vez, representa um disseminador de ideias e conceitos que não se encerram em significados dogmáticos, estéreis e, muitas vezes, latentes.

O desenvolvimento do sujeito crítico, e não do sujeito enquanto “estar sujeito” (como sugere o termo em latim *subjectus*), representa o alargamento das possibilidades de transformação daquilo que entendemos como “realidade”, uma vez que o pensamento significa movimento, mudança. A realidade não deve, em momento algum, portanto, ser encarada como algo estático. O sujeito crítico compreende isso e busca transformar não apenas sua vida privada como também o mundo a sua volta, levando esse legado adiante, a outras pessoas.

## CONCLUSÕES

O projeto de intervenção, em seu pleno exercício, esteve pautado na perspectiva de construção coletiva entre alunos e entre professor e alunos. A abrangência do questionário, da apresentação em *Power Point* e dos debates não serviu a cada aluno como um mero modelo de ideias para que ele, simplesmente, tirasse suas próprias conclusões e assim se enclausurasse dentro delas. Ao contrário, o projeto teve com princípio e finalidade fazer com que todos eles fossem capazes de transcender suas respectivas individualidades e se colocassem como receptores, catalizadores e disseminadores de argumentos, conceitos e análises críticas resultantes de atividades reflexivas construídas no bojo do trabalho em grupo.

Todavia, somente é possível alcançar a dimensão desse entendimento se o sujeito tiver a chance de compreender-se não apenas como produto de um processo histórico, mas também como ator de sua própria história e da realidade que o cerca.

Um sujeito vivo de pensamento tende a influenciar (através de conversas, sugestões de filmes e leituras) aqueles a sua volta (colegas, amigos, primos, irmãos, pais) para que construam sentidos e significados as suas vidas. E isso, para muito além da cegueira tecnicista e mercadológica que marcam nossa sociedade.

O projeto de intervenção esteve orientado por todas essas concepções e procurou servir aos estudantes da EJA novos instrumentos, novas ferramentas para desmontar e remontar a realidade que nos cerca e muitas vezes nos oprime.

De um modo geral, fiquei com a mais nítida convicção de que os alunos da EJA percebem-se como atores de suas próprias vidas e têm consciência que a realização de seus projetos de vida dependem mais de suas atitudes.

O primeiro encontro - marcado pelas intervenções verbais – deixou claro a disposição dos alunos não simplesmente para o debate enquanto forma de “desabafo” acerca das dificuldades do dia-a-dia, mas explicitou as capacidades que desenvolveram enquanto pessoas possuidoras de uma leitura da realidade sempre aberta a novas indagações e reformulações. Os relatos das dificuldades profissionais vividas, assim como as análises feitas acerca do sistema capitalista e do mercado de trabalho, não ofuscaram suas falas a respeito de seus projetos de vida, estando o otimismo e o orgulho sempre presentes em suas mais diversas experiências.

Os resultados dos questionários se mostraram fiéis ao que fora discutido no primeiro encontro, porém levantaram dados mais objetivos: níveis de satisfação no trabalho, senso de



respeito, condições de estudo e possibilidades de dedicação aos estudos, à família, à saúde e ao lazer.

No último encontro, a apresentação em *Power Point* representou um momento mais contemplativo no qual os alunos puderam refletir sobre seus próprios dizeres e sobre os dizeres de outras pessoas, tanto no âmbito das palavras, quanto no das imagens. Já a confecção do mural demonstrou o espírito de coletividade presente em cada um deles.

Por fim, considero que o projeto de intervenção alcançou suas principais metas, conduzindo os alunos a reflexões filosóficas relativas às suas vidas no contexto mais amplo possível, existencial. Para tanto, pôde se valer das questões mais elementares que norteiam nossos pensamentos e ações, seja no cotidiano ou nos instantes em que paramos para pensar no sentido e no significado que atribuímos às coisas que nos constituem.

Espero dar prosseguimento a esse projeto de intervenção, porém buscando levar elementos sempre atualizados às questões propostas aos alunos, aprofundando-as e as conduzindo a novos contextos, bem como estender o acompanhamento de seus resultados. Nesse sentido, precisarei de mais encontros com alunos da EJA, ou, na melhor hipótese, trabalhar com eles ao longo de um ano inteiro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, G. S. **Resiliência? O que é isso?** Vox Scientiae, São Paulo n. 39, jul/ago, 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxs Scientiae/index.html>>. Acesso em: 9 nov. 2007.

CASTRO, M. D. R. de; MACHADO, M. M.; VITORETTE, J. M. **Educação Integrada e Projeção: diálogos possíveis.** Educação & Realidade. Porto Alegre: Jan/Abr. n. 35 (1), p. 151 – 167, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política** in: **Ditos e Escritos.** vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FRIGOTTO, G., PABLO e GAUDÊNCIO. **A cidadania negada. Políticas de exclusão na educação e no trabalho.** São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MANCORDA, Mario A. **Marx e a pedagogia moderna.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2007.

iPedro José de Medeiros – Bacharel e Licenciado em FILOSOFIA pela UFSC. É professor da educação básica da rede estadual de ensino.  
Contato: pedro03668@gmail.com

ii Elenita Eliete de Lima Ramos- Licenciada em Matemática e Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC .  
É professora e pesquisadora do IFSC – Contato: elenita@ifsc.edu.br